

COMO UM VENTO IMPETUOSO

C. I. Scofield

Edições Cristãs

Índice

Introdução

O Espírito Santo é uma Pessoa Divina

O Espírito Santo antes e depois do Pentecostes

O Espírito Santo antes e depois do Pentecostes (cont.)

Cheios do Espírito Santo

É indispensável estarmos cheios do Espírito Santo

Introdução

Estamos vivendo um grande interesse na Pessoa e na obra do Espírito Santo. Têm-se escrito e publicado mais livros, folhetos e tratados sobre este tema nos últimos oitenta anos do que desde a invenção da imprensa.

Na verdade, durante os últimos vinte anos tem-se escrito mais e falado mais sobre esta doutrina do que nos mil e oitocentos anos precedentes.

Sem dúvida aquilo que tem sido ensinado de acordo com as Escrituras tem sido a resposta divina para o

Falso misticismo da moda: espiritismo, teosofia, a falsamente chamada Ciência Cristã e a negação do sobrenatural pelo Cristianismo “modernista”.

Infelizmente, junto como bom tem havido muita coisa má. Grande parte do que tem sido escrito e dito é, de maneira evidente, não bíblico; outra parte, que não merece receber um tratamento tão duro, erra em interpretar as Escrituras. Afirmam-se coisas como verídicas simplesmente porque quem as escreveu “as sentiu”.

Frequentemente, o Espírito tem sido colocado no lugar que pertence a Cristo. Crentes têm sido induzidos a executar várias obras de fé a fim de poderem receber o Espírito. Indica-se-lhes que orem, que se esvaziem a si mesmos, que se purifiquem, quem morram para si e para o mundo.

Aos maridos e às esposas ensina-se-lhes a “morrer” um para o outro. O afeto natural é taxado de idolatria. Inculcam-se várias formas de ascetismo e ensina-se que elas são condições para que o Espírito seja recebido em Sua plenitude.

Entre os escritores que recentemente têm escrito sobre o Espírito Santo, poucos são os que distinguem os aspectos dispensacionais do tema ou que têm em conta o progressivo desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo e de Sua obra. Nestes nossos estudos pretendo apresentar coisas vitais com clareza e simplicidade.

No momento, basta dizer que, a respeito de nenhuma outra doutrina escriturística, é mais necessário entendermos sua revelação progressiva. Os escritos a que nos temos referido misturam a experiência pessoal dos apóstolos como a pauta da experiência pessoal

do crente atual com o serviço e as operações do Espírito no passado, no passado recente e no presente.

O fato dos apóstolos começarem como judeus segundo a carne, passando depois a serem judeus espirituais (o verdadeiro Israel de Deus), passando, finalmente, como Cristo (a pedra angular), a pedras fundamentais da Igreja, parece que tem sido esquecido pela maior parte dos escritores recentes sobre o Espírito Santo. Falam de um novo Pentecostes sem refletir que também poderiam falar com a mesma propriedade de novos Natais.

Deveria ser bem evidente, mesmo para os estudiosos mais descuidados da Escritura que, da mesma maneira que o Filho de Deus esteve agindo neste mundo desde o princípio, mas que fez um verdadeiro Advento no Natal, também o Espírito Santo, que tinha estado atuando no mundo e a favor do mundo desde o início, em certo dia fez um verdadeiro Advento do Pentecostes.

Além disso, é bem raro encontrarmos as relações do Espírito propriamente associadas com o Seu ministério. Na Escritura, este está cuidadosamente discernido. O resultado evidente de tudo isto é que muitos filhos de Deus sinceros estão em completa confusão mental sobre este tema profundamente vital e o perigo está em que, em seu cansaço e desânimo, muitos deem as costas à doutrina do Espírito Santo, como milhares têm deixado de lado o estudo dos tipos bíblicos e das profecias, tristemente convencidos de que a verdade está tão profundamente escondida que não há nenhuma esperança de se conseguir uma visão clara a respeito.

Entretanto, este escritor está persuadido que, ainda que muitas das operações do Espírito (como Sua atividade em o novo nascimento) estão além da análise e definição humanas, a doutrina da Sua Pessoa, Suas relações e Seu ministério são perfeitamente transparentes.

O propósito, pois, deste estudo, é estabelecer a doutrina de maneira simples e bíblica. Esta é a razão que nos leva a escrever. O leitor, portanto, não deve esperar achar aqui um tratado bem elaborado e muito menos que aqui se apresente ou se defenda uma teoria. O autor deseja pôr em ordem as coisas que agora estão em tanta confusão e deixar o leitor frente a seus privilégios e responsabilidades reais com relação ao Espírito Santo que veio ao mundo no dia de Pentecostes com propósitos tão definidos como os que trouxeram, uns trinta e três anos antes do Pentecostes, o Divino Filho ao mundo.

.oOo.

O Espírito Santo é uma Pessoa Divina

A demonstração completa deste fato tão fundamental requereria citar cada passagem das Escrituras que se refere de uma maneira ou de outra ao Espírito Santo, pois que cada referência a Ele afirma Sua personalidade e Sua Divindade.

Deve ser suficiente, porém, reunirmos exemplos destas passagens sob determinados títulos.

1 - O Espírito Santo é uma Pessoa e não simplesmente uma influência, emanção, manifestação ou força.

Afirmamos isto como resultado das seguintes considerações:

1 - Em relação ao Espírito Santo são usadas as mesmas palavras que indicam personalidade e que são usadas para falar de outras pessoas.

Os seguintes versículo são suficientes para dar exemplo deste tipo de passagens e o leitor poderá acrescentar outros por sua conta:

a - “Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem O conhece; vós O conheceis porque Ele habita convosco e estará em vós... Mas o Consolador, o Espírito Santo, a Quem o Pai enviará em Meu Nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (João 14.16, 17, 26).

b - “Eu vos digo a verdade: Convém-vos que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, Eu for, Eu vo-lo enviarei... Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir... Tudo quanto o Pai tem é Meu, por isso é que vos disse que há de receber do que é Meu e vo-lo há de anunciar” (João 16.7-8, 13-15).

2 - Está escrito que os homens agem em relação ao Espírito Santo de maneiras que seriam impossíveis ou absurdas se Ele não fosse uma Pessoa.

a - “Eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo pelo que se lhe tornou em inimigo e Ele mesmo pelejou contra eles” (Isaiás 63.10).

b - “Por isso vos digo: Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada” (Mateus 12.31).

c - “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Efésios 4.30).

d - “De quão mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado e ultrajou o Espírito da graça?” (Hebreus 10.29).

3 - É afirmado que o Espírito Santo executa ações que seriam impossíveis se Ele não fosse uma Pessoa. Como ilustração, consideremos as seguintes passagens:

a - “O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito” (João 3.6).

b - “O Consolador, o Espírito Santo, a Quem o Pai enviará em Meu Nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (João 14.26).

c - “Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o” (Atos 8.29).

d - “Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram” (Atos 10.19).

e - “Servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-Me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13.2).

f - “Também o Espírito semelhantemente nos assiste em nossa fraqueza, porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8.26).

g - “E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito Santo de Jesus não o permitiu” (Atos 16.6-7).

Aqui o Espírito nos é apresentado como o agente ativo em o novo nascimento do crente; como ensinando, renovando, guiando, falando, recebendo, apontando e dando indicações ativas e específicas no serviço dos santos e em suas orações. Dificilmente se poderia deixar mais clara a ideia de personalidade.

2 - O Espírito Santo é uma Pessoa Divina, é todo Divindade.

Notemos o seguinte:

1 - É chamado Deus.

a - “Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei e quem há de ir por Nós? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Então disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais” (Isaías 6.8-9). “Havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías: Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido, ouvireis e não entendereis; vendo, vereis e não perceberéis” (Atos 28.25-26).

O relacionamento entre estas duas passagens é evidente. Isaías diz que ouviu a voz do Senhor e Lucas diz que foi o Espírito Santo. A verdade completa é que Deus Espírito Santo falou.

b - “Eis aí vem dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a Minha aliança, não obstante Eu os haver desposado, diz o Senhor. Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as Minhas leis, também no coração lhas inscreverei; Eu sou o seu Deus e eles serão o Meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, diz o Senhor. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais Me lembrarei (Jeremias 31.31-34). “Disto nos dá testemunho também o Espírito Santo, porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as Minhas leis e sobre as suas mentes as inscreverei. Acrescenta: Também de nenhum modo Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hebreus 10.15-17).

c - “E todos nós com o rosto desvendado contemplando como por espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na na Sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Coríntios 3.18).

d - “Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus (Atos 5.3-4).

Esta declaração é explícita: o mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus.

2 - As Escrituras creditam constantemente ao Espírito Santo os atributos de Deus, como a onipotência, a onisciência e também a Sua maior perfeição: a santidade.

a - “Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a Tua mão e a Tua destra me susterá” (Salmo 139.7-10).

b - “A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gênesis 1.2).

c - “Pelo Seu Espírito ornou os céus; a Sua mão formou a serpente enroscadiça “ (Jó 26.13 - Versão Corrigida).

d - “Como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens, sabe das coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus” (1 Coríntios 2.9-11).

e - “Muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo” (Hebreus 9.14).

3 - O Espírito Santo é apresentado como executando obras possíveis apenas à Divindade.

Isto é apresentado em todas as passagens citadas no subtítulo anterior, às quais podemos acrescentar mais as seguintes:

a - “O Espírito de Deus me fez e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida” (Jó 33.4).

b - “Envias o Teu Espírito, eles são criados e assim renovas a face da terra” (Salmo 104.30).

c - “Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, Esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito que em vós habita” (Romanos 8.11).

c - “Tais fostes alguns de vós, mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o Nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1 Coríntios 6.11).

e - “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1.21).

f - “Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus” (Atos 1.16).

g - “Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e autoridades, não vos preocupeis quanto ao modo porque respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de falar. Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer” (Atos 1.16).

h - “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue” (Atos 20.28).

i - “A um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; e a outro, no mesmo Espírito, fé e a outro no mesmo Espíritos dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; e outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um variedade de línguas; e a outro, capacidade de interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como Lhe apraz, a cada um, individualmente” (1 Coríntios 12.8-11).

Sem dúvida alguma, seria impossível imputar a uma influência atos tão definidos e pessoais como estes ou supor que alguém, que fosse inferior à Divindade, pudesse realizá-los.

Em conclusão, podemos afirmar que podem achar-se mais provas da personalidade e da Divindade do Espírito no fato que é possível pecar contra ele (Mateus 12.31), no fato em que se iguala em termos de perfeita unidade com o Pai e com o Filho nas palavras do batismo (Mateus 28.19) e em sete passagens notáveis dos capítulos dois e três do Apocalipse, onde se nos ordena: “Ouça o que o Espírito diz à igreja” (2.7, 11, 17, 29; 3.6, 12, 22).

Não há nenhuma razão bíblica para crer na Divindade do Pai e do Filho que não se aplique, de modo idêntico, ao Espírito.

.oOo.

O Espírito Santo antes e após o Pentecostes

Todo leitor da Bíblia percebe que a doutrina do Espírito Santo segue, como qualquer outra doutrina, uma lei de desenvolvimento progressivo. Não há nada na Escritura que não seja apresentado de uma só vez. “Primeiro a folha, depois a espiga e, finalmente, o grão na espiga”. É o método divino de revelação.

Se procuramos as divisões naturais deste progressivo desvendamento da verdade do Espírito as encontraremos de maneira tão clara que será impossível confundi-las.

Estas divisões são:

1 - O Espírito Santo antes da Encarnação de Cristo.

2 - O Espírito Santo relacionado com a Pessoa e com o ministério de Cristo, desde a Encarnação até o Pentecostes.

3 - O Espírito Santo desde o Pentecostes até a abertura da porta para os gentios.

4 - O Espírito Santo em Seus atuais ministérios e relacionamentos, conforme apresentado nas Epístolas.

5 - O Espírito Santo (profeticamente) na época futura do Reino.

O propósito destes estudos é simplesmente traçar o desenvolvimento da doutrina nos quatro primeiros aspectos de sua quintupla ordem e deixar claras as distinções que podem evitar-nos confusão de ideias.

PRIMEIRO - O Espírito Santo antes da Encarnação.

No Antigo Testamento, o Espírito Santo é revelado como já temos estado considerando, como uma Pessoa Divina. Como tal é associado com a obra da Criação (Gênesis 1.2; Jó 26.13; 32.8; 33.4; Salmo 104.30); age a favor dos pecadores (Gênesis 6.3); ilumina o espírito do homem (Jó 32.8; Provérbios 20.27); dá habilidade à mão (Êxodo 31.2-5); concede força física (Juizes 14.6); qualifica os servos de Deus para vários ministérios (Êxodo 31.3; 35.21-31; Números 11.5-29; Juizes 11.29; 1 Samuel 16.18; 2 Samuel 23.2).

A isto deve acrescentar-se a operação do Espírito para que os homens das épocas de fé do Antigo Testamento fossem regenerados. Ainda que a doutrina não é ensinada de modo explícito no Antigo Testamento (exceto de modo profético), nosso Senhor disse palavras que não deixam dúvidas quanto a isto em João 3.5 e Lucas 13.28.

Como o novo nascimento é essencial para ver e entrar no Reino de Deus (João 3.3, 5) e como os santos do Antigo Testamento estão neste Reino, conclui-se que necessariamente nasceram do Espírito.

Entretanto, como nesta época eram menores de idade, conforme explica Paulo (Gálatas 3.23-26), não tinham o revestimento do Espírito para a filiação. Eram menores, “sob a tutela da lei”, mas agora não mais “subordinados aos aios”.

Devemos lembrar também que para o santo do Antigo Testamento não tinha sido revelado nenhum meio pelo qual pudesse receber o Espírito Santo. Os ministérios do Espírito estavam reservados à vontade soberana de Deus. Ele enviava o Seu Espírito Santo a quem Ele queria. O fato do Espírito vir a um homem não é uma prova de que ele fosse salvo.

Até mesmo um crente sincero não tinha segurança de que o Espírito não o abandonaria (Salmo 51.11), enquanto que o crente nesta atual dispensação em que estamos tem a promessa da permanência nele do Espírito.

SEGUNDO - O Espírito Santo em relação à Pessoa e ao ministério de Cristo, desde a Sua concepção até o Pentecostes.

Os quatro evangelhos apresentam o Espírito em relação à Pessoa e ao ministério de Cristo. Nosso Senhor foi concebido pelo Espírito Santo; foi cheio do Espírito Santo; foi, após Seu batismo, conduzidos por Ele.

Em Seu poder, expeliu demônios e executou Suas obras maravilhosas (Lucas 1.15; 4.35; 3.21, 22; 4.1.18; Mateus 12.28). João Batista indica que é Ele que batiza com o Espírito Santo e Seu testemunho é confirmado por Cristo em Sua última mensagem (Mateus 3.11; Atos 1,-5).

Além disso, nosso Senhor ensinou a Seus discípulos que eles também podem possuir o Espírito. “Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem” (Lucas 11.13).

Estamos tão familiarizados com esta passagem que não percebemos a admiração que deve ter causado aos Seus discípulos. Sem dúvida, conheciam a profecia de Joel, mas esta indicava um ato soberano de Deus, independentemente de qualquer referência à oração ou a qualquer outra condição humana. Até este ponto, como já temos visto, não existia meio algum pelo qual o homem de fé pudesse obter o Espírito.

Nos tempos do Antigo Testamento, o Espírito descia sobre alguns homens, conforme o requeria o serviço de Deus, e estes casos eram raros, ocasionais e excepcionais. Tudo estava na vontade soberana de Deus.

Mas agora os discípulos do Senhor recebem a afirmação extraordinária de que qualquer um deles poderia receber o Espírito Santo, contanto que O pedissem. O privilégio era grande demais para sua pequenina fé. Não só não existe evidência alguma de que algum dos discípulos pedisse ou obtivesse o dom do Espírito, mas existe até evidência conclusiva de que nenhum deles o fez. No fim do Seu ministério terrestre nosso Senhor definiu a Pessoa, relações e ministérios do Espírito que viria.

1 - Como eles não tinham rogado ao Pai que lhes desse o Espírito, Ele o faria. “Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (João 14.16). “Quando, porém, vier o Consolador, que Eu enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dEle procede, Esse dará testemunho de Mim” (João 15.26). “Eu vos digo a verdade: Convém-vos que Eu vá, porque se Eu não for, o

Consolador não virá para vós outros; se, porém, Eu for, eu vo-lo enviarei” (João 16.7).

2 - Aquele que viria estaria relacionado com os crentes de três maneiras. “Ele habita convosco e estará em vós” (João 14.17). “Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai” (Lucas 24.49). Aquele que viria estaria **com** os homens, convencendo-os de pecado, convertendo-os, regenerando-os; estaria **em** os homens, como fonte de água viva, de purificação, de renovação, de satisfação; estaria **sobre** os homens, concedendo-lhes dons e poder para o serviço. Seria Consolador, Guia, Mestre e Revelador.

3 - Como o Senhor Jesus não revelou completamente todo o corpo de verdades espirituais, prometeu que o Espírito da verdade completaria (João 16.13). A seguir, foi até a cruz.

Começando nomes momo dia da Sua ressurreição, em Seu novo ministério, Cristo cumpriu a promessa dada a Seus discípulos: “Estará em vós” (João 14.17). “E havendo dito isto, [no mesmo dia da Sua ressurreição] soprou sobre eles e disse: Recebei o Espírito Santo” (João 20.22). Isto significa que ainda não O tinham recebido. De Lucas 11.13, aprendemos que também não tinham reclamado a promessa: “Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedirem”.

Cristo mostrou-lhes as mãos e o lado como prova de que a redenção tinha sido realizada plenamente, como “primícias” (Romanos 8.23) e “selo” (Efésios 1.13) desta redenção, e concedeu o revestimento do Espírito aos homens que criam nEle.

Foi seu privilégio, como crentes, agora que o sangue da expiação tinha sido derramado, receber o Espírito em nenhuma outra condição. Era “o penhor da sua herança” (Efésios 1.14). A única condição absoluta de sua parte era a fé no Senhor Jesus Cristo. Esta comunicação ou concessão do Espírito como revestimento do crente, simplesmente por ser um crente verdadeiro, marcava a tremenda transição da época da lei para a época da graça.

Mas existia ainda outra relação do Espírito, o batismo, ou a relação “aberta”, pela qual estes discípulos tinham recebido o Espírito como revestimento, receberam a ordem para esperar. “Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneci, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24.49).

“Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias. Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1.5, 8).

Então partiu dentre eles e começou o “tempo de espera”.

O Espírito Santo

antes e após o Pentecostes

(continuação)

Temos estado considerando duas das divisões da revelação progressiva da doutrina do Espírito Santo: durante o Antigo Testamento e no período relativo à presença de Cristo na terra. Agora chegamos ao:

TERCEIRO - Até o dia de Pentecostes, os discípulos, que tinham recebido o revestimento do Espírito quando Jesus soprou sobre eles, esperavam que o Espírito viesse “sobre” eles e quando este dia chegou, o Espírito Santo veio com a manifestação externa de som e de chama. Foram batizados com o Espírito Santo e não apenas batizados, mas “cheios” do Espírito Santo.

Há três resultados deste batismo e plenitude, que se veem claramente:

- 1 - “dom” - “passaram a falar em outras línguas” (Atos 2.4);
- 2 - “poder” - quando Pedro pregou aos ouvintes, “compungiu-se-lhes o coração”, “havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil almas” (Atos 2.37, 41);
- 3 - “unidade” - “todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum” (Atos 2.44).

Esta unidade externa foi o resultado, não só do fato que eram todos crentes em um mesmo Senhor e estavam dedicados a um destino comum, mas era a manifestação de um novo fato que os afetava e que tinha sido realizado para eles pelo batismo com o Espírito. Por meio deste batismo tinham sido unidos vitalmente uns aos outros e ao Cristo ressuscitado.

Então começou a formar-se o “corpo” de Cristo, do qual o Senhor Jesus, à destra do Pai, é o Cabeça, e todos os crentes regenerados no dia de Pentecostes e a partir dali são os membros. “Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Coríntios 12.12-13). Veja-se também 1.20-23 e 4.3-16.

Esta era a união vital com o Cristo ressuscitado e glorificado da qual nosso Senhor já tinha falado (João 15.1-10), como a união entre a videira e os ramos. A unidade que se manifestou externamente no Pentecostes e mesmo depois, por meio de estar “juntos e ter tudo em comum” foi operada pelo batismo do Espírito Santo. O “dom” ou especial revestimento para um determinado serviço: o “poder” ou o ministério deste dom em energia divina e a “união” ao Corpo de Cristo são os resultados do batismo e de ser cheio do Espírito Santo.

A partir do dia de Pentecostes, quando Pedro usou a primeira chave e abriu o Reino aos judeus, até o dia memorável em que, na casa de Cornélio, usou a segunda chave e abriu a porta aos gentios, a comunicação ou compartilhamento do Espírito aos crentes (todos judeus) tinha sido marcada por duas peculiaridades que desapareceram inteiramente no caso dos gentios convertidos. Estas foram:

1 - Comumente havia um intervalo entre o receber a Cristo pela fé e o batismo do Espírito;

2 - Comumente era necessária a mediação dos discípulos, quer por oração ou por imposição de mãos.

Há exemplos que podem ser encontrados em Atos 8.12-17 e 9.17. Todo este período (Atos 2 a 9, inclusive) é peculiar, de transição e tipicamente judeu.

QUARTO - O Espírito Santo desde a abertura do Reino aos gentios, em Seu relacionamento e ministério atuais, tais como ensinados nas Epístolas.

Com a abertura do Reino aos gentios (Atos 10) chegamos ao que pode chamar-se a experiência normal para esta dispensação. Pode exprimir-se nas palavras de Lucas em Atos 10.44: “Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra”. O relato do próprio Pedro está em Atos 11.15: “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio”.

A partir de então, onde quer que o Evangelho seja aceito entre os gentios, o Espírito Santo, no momento em que creem, os regenera, os reveste e os batiza em o Corpo de Cristo. As Epístolas dão um testemunho constante e invariável sobre isto. Alguns exemplos das Epístolas serão suficientes.

Quanto ao revestimento: “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Coríntios 6.19).

Devemos ter em conta que isto é dito à igreja mais carnal e menos santificada mencionada em o Novo Testamento. Com respeito a seu estado pouco espiritual, veja-se 1 Coríntios 1.11-12; 3.1-4; 5.1;6.1. Na realidade o apóstolo faz desta grande verdade do revestimento do

Espírito uma base para exortá-los a se absterem dos pecados mais grosseiros. Eles não tinham conseguido tal revestimento por atos de obediência, nem por uma certa santidade. O revestimento tinha sido decorrente de sua posição como gentios salvos pela graça divina. “E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle” (Romanos 8.9). “Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseado no qual clamamos: Aba, Pai” (Romanos 8.15). “Porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai” (Gálatas 4.6).

Notemos brevemente com respeito ao fato do batismo: “Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Coríntios 12.12-13). Isto é dito também os próprios coríntios “carnais” que, em vez de terem feito grandes progressos na vida espiritual, “conseguindo” a “segunda bênção”, eram “meninos em Cristo” ao ponto de precisarem alimentar-se de leite espiritual e não de carne.

Note-se, ainda, neste capítulo 12, a ênfase que se põe na universalidade desta posição “em Cristo” (verso 11); “todos os membros” (verso 12); “todos nós fomos batizados” e a “todos nós foi dado beber” (verso 13); “cada um” (verso 18); “vós sois corpo de Cristo” (verso 27).

Em outras palavras, o Corpo de Cristo está formado por crentes individuais unidos a Cristo, o Cabeça vivo, pelo batismo do Espírito Santo e, neste sentido, não são “membros esparsos”, não há “membros separados” no Corpo de Cristo. Esta ideia é totalmente estranha nas Epístolas e nunca pôde ter entrado na cabeça de algum homem pela leitura das Epístolas.

A ideia completamente errônea e falsa de que um gentio pode ser um cristão regenerado no Senhor Jesus Cristo é devida à falha em observar o progresso da doutrina do Espírito Santo em o Novo Testamento.

Sem dúvida alguma, a noção estranha de que as experiências pelas quais passaram os discípulos no tempo de nosso Senhor, desde a sua posição como simples judeus na carne até a sua posição no Corpo de Cristo, precisa ser seguida por todos os crentes posteriores, quer sejam judeus, quer sejam gentios, é a causadora deste erro doutrinário.

A surpreendente experiência na casa de Cornélio deveria ser suficiente para dissipar tal ideia. Esta experiência deixou abismada a igreja apostólica, sacudindo-a até às raízes e foi o fato que determinou o concílio de Jerusalém (Atos 15.7-10) para que o Evangelho fosse emancipado de suas ligaduras com o judaísmo, porque Deus assim o dispôs.

Em vez de os crentes de hoje serem ensinados que estão destituídos do Espírito Santo a não ser porque tenham passado por certas experiências posteriores à conversão; ou que podem obter o Espírito Santo pedindo-O ao Pai, como acontecia no período entre o batismo e a crucificação de Cristo; ou que muitos precisam estar de acordo em um certo lugar “com seus rostos perante Deus” se quiserem receber o Espírito; ou que não podem receber o Espírito enquanto não “estejam totalmente consagrados” ou “perfeitamente entregues”, deveriam receber solenemente a responsabilidade que descansa sobre todos aqueles cujos corpos já são “templo do Espírito Santo”,

“E não entristeçais o Espírito de Deus, no Qual fostes selados para o dia da redenção” (Efésios 4.30), sendo eles “membros em particular” do sagrado Corpo de Cristo. “E não entristeçais o Espírito de Deus, no Qual fostes selados para o dia da redenção” (Efésios 4.30).

Mostremos-lhes as gloriosas possibilidades de bênçãos latentes existentes nestes fatos.

Não existe pensamento mais poderoso para operar uma transformação que possa ser recebido pela mente do crente que o fato de seu corpo estar revestido pelo Espírito Santo é baseada no caso dos “discípulos” com quem Paulo falou em Éfeso. “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?” (Atos 19.2) A este respeito devemos dizer:

1 - A mesma forma como Paulo faz a pergunta indica que, normalmente, deveriam ter recebido o Espírito Santo ao serem;

2 - A pergunta mostrou o verdadeiro estado deles, isto é, que ainda não eram discípulos de Cristo, mas de João Batista. Isto mostra que eram judeus ou judeus prosélitos. Estavam na mesma situação dos discípulos de João Batista antes deste lhes apontar para Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29), como único objeto de fé;

3 - O fato de não possuírem o Espírito não era devido à sua ignorância da vinda do Espírito no dia de Pentecostes, mas ao fato de que a sua fé não estava colocada em Cristo crucificado e sim, na expectativa própria dos judeus da vinda do Messias (verso 4).

4 - Que não eram cristãos antes de sua entrevista com Paulo o mostra o fato que aceitaram o batismo cristão, acrescentando-o ao simples rito preparatório de João Batista (verso 5).

Embora seja verdade que cada crente regenerado está vestido do Espírito e é batizado em Cristo pelo Espírito, é de grande importância observar que os Atos dos Apóstolos e as Epístolas fazem distinção entre possuir o Espírito e ser cheio do Espírito. Um exemplo desta distinção se encontra em Efésios. Em Efésios 4.30 o crente é lembrado (como

antes também é lembrado em 1.13) que está selado com o Espírito; no versículo 18 do capítulo 5, ordena-se-nos “enchei-vos do Espírito”.

Sem dúvida, muitos crentes “são cheios do Espírito” quando o Espírito os regenera, os reveste e o batiza (no momento de sua conversão). Os discípulos no Pentecostes foram batizados e cheios do Espírito (Atos 2.1-4). Após descrever as manifestações físicas referentes ao seu batismo, o relato acrescenta: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo” (Atos 2.4).

O fato de que nem todos os crentes “são cheios do Espírito” quando Este os reveste e os batiza em Cristo é que cumpriram com a condição de receber o Espírito, que é simplesmente fé em Cristo (João 7.39; Gálatas 3.2), mas não cumpriram as condições para “serem cheios do Espírito”. Estas condições serão consideradas no próximo capítulo.

Deveríamos acrescentar ainda que, embora o sermos cheios do Espírito seja um ao tão definido do poder divino como o batismo com o Espírito, o sermos cheios, ao contrário do batismo, pode ser repetido muitas vezes. A verdade a este respeito pode ser resumida assim: “Um batismo; muitos enchementos” (W. J. Erdman). O selo é “até ao dia da redenção” e, portanto, não deve ser repetido (Efésios 1.1, 14; 4.30). “A unção que de Ele recebestes permanece em vós” (1 João 2.27).

Podemos encontrar uma ilustração tanto da diferença entre ser batizado e ser enchido, ou entre possuir o Espírito e ser cheio do Espírito, na comparação de Atos 2.1-4 com Atos 4.23-31.

Nessa segunda passagem, os mesmos discípulos que na primeira tinham sido batizados e enchidos do Espírito, no dia de Pentecostes, foram cheios do Espírito outra vez. Será que tinham perdido seu selo? De maneira nenhuma, pois tinham sido “selados para o dia da redenção” (Efésios 4.30). Tinham sido “desbatizados” para fora do Corpo de Cristo? De maneira nenhuma.

Eles tinham-se assustado com as ameaças do Sinédrio: “Agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos Teus servos que anunciem com toda a intrepidez a Tua Palavra” (Atos 4.29) e, com isso, estavam apagando o Espírito. A solução era voltar a estarem cheios. “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (Atos 4.31).

Devemos dizer, ainda, que em Atos dos Apóstolos e nas Epístolas não são fato do revestimento e do batismo do Espírito que se nos diz que concedem a bênção de vida e do poder no serviço, mas o estar cheio do Espírito. Não são homens que tenham o Espírito os procurados para o serviço, mas homens cheios do Espírito Santo.

Cheios do Espírito Santo

No capítulo anterior procuramos mostrar que as Epístolas, são junto com o Apocalipse, a palavra final para os santos nesta atual dispensação, em vez de exortarem os crentes a buscar o revestimento do Espírito ou o batismo Espírito repetidas vezes e afirmam que, tanto o revestimento como o batismo, já são uma realidade naqueles que, por meio da fé no Senhor Jesus Cristo, são regenerados.

Mostramos também que as exortações à santidade de vida estão baseadas na posse de tais bênçãos. Vimos, ainda, que não é a mera presença do Espírito como revestimento ou batismo que assegura a plenitude da bênção, vitória e poder, mas o fato de o crente estar cheio do Espírito. Efésios 5.18 é uma ordem: “Enchei-vos do Espírito”.

O propósito deste estudo é indicar as simples condições bíblicas para esse “enchimento”. Estas condições são: 1) negativas - algumas coisas que não devem acontecer se queremos conhecer esta bênção; 2) positivas - coisas que exigem uma ação positivamente definida de nossa parte.

1 - As condições negativas para sermos cheios do Espírito Santo

1 - A primeira destas condições negativas está indicada em Efésios 4.30-31: “Não entristeçais o Espírito de Deus, no Qual fostes selados para o dia da redenção. Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritarias, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia”.

A palavra “entristecer” nesta passagem significa literalmente “deixar triste”. É comovedor que a Bíblia nunca fala da ira do Espírito. Não é estranho que alguém tenha encontrado esta particularidade do Espírito de ser contristado, mas não irado, o aspecto maternal no amor divino.

As coisas que contristam o Espírito são as coisas impróprias permitidas em nossa vida. Algumas são enumeradas, conforme vimos. Em Gálatas 5.17 nos é dito que “a carne milita contra o Espírito e o Espírito contra a carne” e “as obras da carne” são enumeradas: “prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdia, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas”.

Esta é uma cláusula que compreende toda manifestação da carne. Todas estas coisas contristam o Espírito quando são permitidas na vida

do crente. Tudo depende do consentimento da nossa vontade. As tentações a estes pecados não contristam o Espírito, pois as tentações, em si não são pecado, mas no momento em que a vontade consente na prática ou na presença de tais coisas ou de “coisas semelhantes” então o Espírito, que é santo e sensível, fica entristecido.

O efeito da concordância de nossa vontade à “lei do pecado que há em nossos membros” é recusar o governo do Espírito em algum setor da nossa natureza; é diminuir a esfera de domínio do Espírito sobre nós.

Nossa complexa natureza é como um império com vários estados. Somos espírito, alma e corpo. Pode ser que desejemos que o Espírito domine nosso mau caráter, mas costumamos ficar ressentidos. Pode ser que queiramos que o Espírito domine nossas paixões, contudo, conservamos o que chamamos de liberdade de intelecto.

Antes de nossa conversão, este império (embora sem nós o sabermos) estava governado por Satanás (1 Coríntios 12.2; Efésios 2.2) através do “eu” como regente. Agora Cristo está entronizado, por meio do Espírito. Agora o monarca destronado procura recobrar novamente o seu domínio ou parte do mesmo e a concordância da vontade humana a alguma manifestação do coração natural é colocar novamente o “eu” no trono.

Quando isto acontece e deixa-se o “eu” agir há, conseqüentemente, o destronamento do regente de Cristo, o Espírito. Não se trata de Ele nos abandonar. Graças a Deus, como somos “selados para o dia da redenção”. Ofender o Espírito até ao ponto de Ele nos deixar é uma ideia que não existe na Escritura, mas o Espírito entristecido é um Espírito que não enche.

A conseqüência imediata da restrição da esfera de autoridade do Espírito é uma perda da bênção e do poder na vida interior e a perda de poder na vida exterior, a vida de serviço. O remédio para esta perda da plenitude do Espírito está indicado mais adiante.

2 - A segunda condição negativa está indicada em 1 Tessalonicenses 5.1: “Não apagueis o Espírito”. A palavra usada no original significa primariamente “apagar o fogo” e num sentido secundário significa “resistir a qualquer esforço vigoroso”.

Apagar o Espírito, portanto, é resistir à Sua energia de fogo, a Sua obra consumidora e purificadora. O Espírito é o Espírito de poder. Por meio dEle, Deus nos usa como instrumentos num propósito que abrange o mundo todo. Apagar o Espírito, portanto, é resistir à Sua obra de purificação e de uso. Conservar algo na escória do homem natural por não permitir a ação de Sua ação em nossa via é apagá-lo.

Da mesma maneira, qualquer resistência a Ele em Sua vontade de nos usar, por pequena que seja e por qualquer causa, é apagá-lo. O

Espírito não nos obriga a obedecer. Seu poder é irresistível, mas espera o consentimento de nossa vontade.

Apagamos o Espírito, pois, quando nos opomos à Sua vontade. Apagamos o Espírito, pois, quando recusamos falar de Cristo, movendo-nos o Espírito a fazê-lo. Pode parecer uma coisa pequena e sem importância, mas nós não somos os juízes para classificar o que para Deus seja grande ou pequeno. Em Sua obra costuma-se obter enormes resultados através de ações sem importância.

Apagamos o Espírito quando recusamos fazer algum serviço definido. Apagamos o Espírito quando recusamos Sua soberania absoluta sobre nosso serviço a respeito da maneira de como servir a Cristo (Atos 8.29), onde O servimos (Atos 8.2-4; 16.6-7) e o que fazemos para Ele (1 Coríntios 12.6-11). Se os servos de Cristo forem influenciados quanto ao lugar, tipo e método de serviço por razões que incluam vantagens mundanas, salário e motivos semelhantes então não podem esperar conhecer o Espírito em plenitude. Apagamos o Espírito quando consentimos em manipulações na vida da igreja que não dão liberdade para o ministério de dons do Espírito, impondo silêncio ou inatividade a alguns membros.

O efeito de apagar o Espírito é precisamente o mesmo que entristecê-lo: a esfera de Sua autoridade é diminuída; já não estamos mais “cheios” porque O excluímos de uma parte de nosso ser. No capítulo anterior, demos uma ilustração disto. Foi no caso dos discípulos que, embora tivessem ficado cheios no dia de Pentecostes, contudo, precisaram ser enchidos de novo em ocasiões posteriores.

As condições negativas a cumprir para estarmos cheios do Espírito Santo são, pois, que deixemos de entristecê-lo (coisa que fazemos quando recusamos voluntariamente viver em santidade) e que deixemos de apagá-lo (opondo-nos à obra santificadora do Espírito dentro de nós e ao poder ativador sobre nós).

Repetimos: Não se trata que tenhamos que limpar-nos do pecado ou de ser perfeitos em obediência. Nenhum destes dois atos é possível para nós. Somos impotentes para isto. O que podemos e devemos fazer é colocar a nossa vontade ao lado do Espírito nestes assuntos.

Costuma-se dizer que, se realmente queremos ser santos e obedientes, a vitória já está ganha. Mas no capítulo 7 de Romanos, Paulo faz a tremenda descoberta que o querer e o fazer não são a mesma coisa. “Porque sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim, não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7.18-19).

Para consegui-lo, temos que recorrer à poderosa “lei do Espírito” (Romanos 8.2). Chegamos agora a

2 - As condições positivas para sermos cheios do Espírito Santo

Podem ser resumidas em três:

1 - A primeira, é mencionada na Escritura de várias maneiras: consagração, apresentação do corpo em sacrifício vivo, tomar a cruz, etc., se resume numa palavra final: “oferecer”. “Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas ofereci-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça” (Romanos 6.13).

A palavra “oferecer” usada aqui, significa, no original, uma “rendição absoluta ao controle de outrem”. De maneira um pouco diferente é usada pelo Senhor em Mateus 26.53: “Acaso pensas que não posso rogar ao Meu Pai e Ele Me mandaria neste momento mais do que doze legiões de anjos?” É a palavra “mandar”. Podemos pensar que estas doze legiões não teriam uma obediência a Jesus no sentido mais absoluto?

A mesma palavra é usada na apresentação de sacrifícios. Estes, não é necessário insistir nisto, erram totalmente entregues a Deus. Aquele que sacrificava, sob a dispensação da lei, nem pensava em reafirmar a sua autoridade ou poder sobre a sua oferta, tendo-a trazido ao sacerdote.

Na realidade, seu último ato de autoridade era imolar a vítima na presença do sacerdote (Levítico 4.33). O mesmo pensamento de “oferecer” até à morte é reforçado insistentemente nas Epístolas (Romanos 6.3, 6; 7.4). A própria essência do verdadeiro “oferecimento” é o reconhecermos que no acerto de contas com Deus somos crucificados com Cristo, por meio do Espírito (Romanos 8.13) e isto tem que acontecer em nossa experiência (Gálatas 5.24; 2 Coríntios 1.9).

Devemos repetir que esta co-crucificação com Cristo não é obra nossa - Cristo não Se crucificou a Si mesmo, mas “pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus” (Hebreus 9.14). Assim também nós, “por meio do Espírito, mortificamos os feitos do corpo”.

E este “ceder” ou “oferecer” tem um sentido duplo: “vos”, “vossos membros”. O primeiro chega até a vida interior: a esfera da alma e do espírito; o segundo, a vida exterior: a esfera de serviço.

O primeiro inclui o oferecer ao Espírito todas as coisas que nos fazem impuros, e, portanto, entristecem ao Espírito. “Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia” (Efésios 4.31). Isto é muito diferente de nós nos esforçarmos para eliminar estas coisas. Não o conseguiríamos nunca, mas o Espírito Santo pode afastar de nós tais coisas.

“Cedermos” inclui consentimento nesta obra purificadora. Ceder nossos “membros” como instrumentos é pôr nas mãos de Cristo, pelo Espírito, todo o controle sobre a o nosso serviço em relação a tempo, lugar e qualidade. A fórmula é “todo em todo o momento, em qualquer lugar”.

Em Romanos 12.1, este “ceder” é apresentado de maneira sacrificial. Observemos que a exortação é colocada na totalidade deste abandono de nossos corpos a Ele. Sob a antiga dispensação, como já temos dito, o que oferecia não tinha o propósito secreto de pedir a oferta de volta. Assim também, o “ceder” ou “oferecer-se” no sentido requerido é dar-se a si mesmo e os nossos membros à autoridade de Cristo, sob a direção do Espírito, sincera e francamente, sem nenhuma reserva secreta.

Ponhamos agora toda a nossa ênfase sobre o restante da verdade a respeito deste “ceder”. Trata-se de um ato definido. Há milhões que nunca foram cheios do Espírito Santo porque nunca se ofereceram de modo definitivamente a Deus, nem eles mesmo e nem seus membros.

Até mesmo entre cristãos fervorosos, esta falta de definição é comprovada pela prática constante e contínua de “consagrações” (assim chamadas). Se realmente temos apresentado nossos corpos como sacrifício vivo, então já não temos mais nada a apresentar.

2 - A segunda condição positiva para ser cheio do Espírito é a fé. Entendemos por fé não a nossa confiança em Cristo como nosso Salvador, mas a confiança nEle como o único que nos concede o Espírito. Deixemos de lado todas as confusas condições do passado a lembrar-nos que agora para os cristãos Ele está à destra do Deus exaltado e em condições de cumprir o que havia prometido ao pronunciar as palavras de João 7.37-39: “No último dia, o grande dia da festa, levantou-Se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba... Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle cressem”.

Ele já está em condições de fazer o que João Batista testemunhou a Seu respeito: “Eu na verdade vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu do Qual não sou digno de desatar-Lhe as correias das sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo” (Lucas 3.16).

Da mesma maneira que Ele, durante o Seu ministério terreno, disse que o Pai estava desejoso de dar o Espírito Santo aos que Lho pedissem, agora o Espírito Santo aponta para o Cristo assunto e glorificado como Aquele que concede o Espírito (Atos 2.33).

A fé, pois, é requerida aqui para um duplo exercício: para crer que o Cristo ressurreto e glorificado é capaz e está desejoso de conceder a plenitude do Espírito Santo e, a seguir, para “beber” (João7.37), isto é,

participar do Espírito por meio de um ato claro e definido de apropriação.

E tudo isto pela fé. Aquele que se entregou a si mesmo e renunciou a todo pecado, oferecendo-se a si mesmo, sem reservas, à autoridade de Cristo por meio do Espírito está em terreno adequado. Escutando o convite de Cristo: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba”, vamos a Cristo para sermos cheios de maneira definitiva do Espírito e, tendo chegado a Ele, “bebemos”. É o mesmo exercício de fé pelo qual a pessoa, no princípio de sua vida cristã, “recebe” a Cristo (João 1.12).

É aqui que multidões que realmente têm cedido a sua vida a Cristo, não “bebem”. Esperando alguma manifestação dos sentidos, continuam, talvez ano após ano, pedindo e anelando pela plenitude do Espírito, mas nunca a “recebem”. No íntimo talvez cheguem a culpar a Deus. No espírito do filho mais velho da parábola havia a acusação: “Nunca me deste um cabrito”. A resposta é sempre: “Meu filho... tudo que é meu, é teu” (Lucas 15. 29, 31).

3 - A terceira condição é a oração. Esta, lembremo-nos bem disso, não consiste em pedir o Espírito ao Pai. É Jesus Quem “exaltado, pois, à destra de Deus”, recebeu “do Pai a promessa do Espírito Santo”.

Também não é pedir para as repetidas e enfáticas declarações de que o crente já tem o Espírito. Em sua maravilhosa oração em Atos 4.24-30, os discípulos não mencionam o Espírito. Oram acerca do temor que têm por causa das autoridades religiosas judaicas e de “Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel”. “Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos Teus servos que anunciem com toda a intrepidez a Sua palavra”.

Pensemos no que esta oração tem de humilde e de preocupação consigo mesmo de grande parte das orações nestes dias. E, especialmente, observemos que oravam em relação àquilo em que tinham falhado: “Senhor, olha para as suas ameaças”. O medo estava apagando o Espírito. Assim, nossas orações devem abranger escrupulosa e sinceramente nosso fracasso, além dos interesses de Jesus que nos têm sido encomendados.

Para a grande maioria, se não para todos, a oração deveria ser a atitude natural da alma ao “receber” definitivamente o Espírito. “Senhor Jesus, recebo; estou recebendo de Ti a plenitude do Espírito. Creio que Tu tens recebido do Pai a promessa do Espírito Santo e Tu mesmo disseste: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba”, deveria ser nossa oração.

Agora, algumas palavras de advertência. O sermos cheios do Espírito é, ao mesmo tempo, um ato e um processo; um sucesso e uma vida. Há um princípio do estado de plenitude, mas a continuação deste estado depende da manutenção das condições já vistas. O crente que

quer conhecer a bem-aventurança da vida cheia do Espírito deve começar por atos definidos de renúncia e de entrega, de apropriação por fé e de oração e deve também manter como hábito de vida o ceder, o apropriar-se pela fé e orar.

Tal crente confessa instantaneamente tudo quanto entristece ao Espírito, isto mantém a atitude de entrega. Está sempre “bebendo” o Espírito. “Aquele que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre” (João 4.14). Mantém todo seu serem numa atitude receptiva a respeito do que Cristo concede.

Não trate de pensar no Espírito. Pense em Cristo, que concede o Espírito. O Espírito bendito, santo, adorável estaria muito contente se Ele não ocupasse a nossa mente, como acontece sempre que esta mente não está cheia do Cristo. Viva uma vida de oração. Use a oração par))

desejo e a fé confiante de todo servo de Deus quando avança para cada nova atividade.

.oOo.

É indispensável estarmos cheios do Espírito Santo

A respeito de estarmos cheios do Espírito Santo indica que é um estado desejável, mas que não é indispensável; que se trata de um luxo da vida cristã.

Certo ministro me disse uma vez: “Qualquer dia vou estudar melhor isto”. Parecia não perceber o fato lamentável que é não estar cheio do Espírito; nenhum ato de seu serviço podia ter poder e, por causa deste problema, sua própria pregação podia prejudicar seus ouvintes porque nada pode atrofiar mais a consciência e o coração do que a verdade divorciada do poder (2 Timóteo 3.5).

1 - Nenhum cristão deveria executar o menor serviço para Cristo até estar cheio do Espírito Santo de modo definido.

“Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24.48-49). “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1.8).

A maneira maravilhosa como se cumpriu tudo isto o podem saber aqueles que leem o capítulo dois de Atos dos Apóstolos. Depois que o

Espírito Santo caiu sobre eles, “receberam poder” porque “todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”.

Os próprios apóstolos de Jesus Cristo, aqueles homens que tinham sido escolhidos por Ele; que tinham sido modelados pelo tremendo impacto de Sua personalidade; que eram testemunhas de primeira mão de Seus poderosos milagres e de Sua ressurreição; cujas memórias recordavam Suas maravilhosas palavras; que tinham sido revestidos pelo Espírito por ter Jesus assoprado diretamente sobre eles; sim, estes mesmos homens tinham que esperar até serem cheios do Espírito antes de começar a fazer o menor serviço para Ele.

Não é perigoso e uma autoconfiança que chega à desobediência começarmos qualquer serviço para Ele sem estarmos cheios do Espírito?

E tem mais. Biblicamente, o sermos cheios do Espírito Santo não é indispensável apenas para os ministros da Palavra. É indispensável para qualquer serviço.

“Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço” (Atos 6.1-3). Assim como na dispensação judaica Bezalel foi cheio do Espírito de Deus “para trabalhar em ouro, prata e bronze” porque Deus queria ensinar-nos que todo ministério, mesmo que seja mecânico, é aceitável a Ele quando é feito por um servo preparado para o serviço, também agora, na idade da Igreja, Deus quis deixar até trabalhos temporais por conta de homens qualificados da mesma maneira.

Em outras palavras, este é o método através do qual Deus preenche e nomeia cargos. Quão grande seria a paz e a prosperidade da Igreja de Deus se todos os ministros e pessoas que nela têm responsabilidade fossem cheios do Espírito!

O autor crê que isto é mui solene. O serviço prestado por um cristão não cheio do Espírito Santo não é uma tentativa insolente de deixar de lado a ordem de Deus? E não é falta de amor cristão dizer que o resultado inevitável de tal serviço é uma tentativa de substituir a falta de poder espiritual por recursos carnavais. Olhemos para os anúncios que certas igrejas publicam nos jornais de sua cidade e se verá os frenéticos e febris esforços para apresentar “atrações” que substituam o poder. É o pecado de Nadabe e Abiú.

E da mesma maneira como este pecado foi castigado com a morte física, o mesmo na vida religiosa moderna está acontecendo - o pecado de substituir por fogo estranho o fogo do Espírito. Certamente será castigado também com a morte espiritual.

2 - Nenhum cristão pode viver uma verdadeira vida cristã se não está cheio do Espírito Santo.

Toda a variedade de ministérios do Espírito ao revestir um crente, ministérios que se referem à vida interior do crente, dependem do ministério vigoroso de estarmos cheios do Espírito. Pode-se ter o Espírito e viver uma vida carnal, sem gozo, isto o prova a igreja em Corinto (1 Coríntios 1.2-9, 11-13; 3.1-4; 5.1-2; 6.6). Os maravilhosos resultados do revestimento acontecem quando o cristão está cheio do Espírito.

Lembremo-nos que é o Espírito que nos dá vitória sobre o pecado (Romanos 8. 2; Gálatas 5.16-17); que faz lembrar ao crente sua posição em Cristo (Gálatas 3.26; 4.6); que produz o fruto de “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5.22-23); que concede vigor espiritual, fortalecendo o “homem interior” (Efésios 3.15): que o ajuda em suas orações (Romanos 8.26; Efésios 6.18); que o consola (João 14.16-17); que o guia, que o santifica e o faz um verdadeiro adorador.

Considerando tudo isto, deveria fazer-se evidente que, como cada crente pode ser cheio do Espírito Santo, somos grandemente culpados perante Deus se este “enchimento” não é uma realidade.

Em outras palavras, o cristão não pode viver em pecado conhecido, servindo-se a si mesmo e estéril de “muito fruto”, que é o único que glorifica ao Pai (João 15.8). Deus em Sua graça, tem feito possível, por meio do Espírito Santo, que cada crente viva uma vida santa e de poderoso serviço. Todo ministro cristão deveria estar contente em ver que pecadores são convertidos e que santos são edificados, porque tais coisas estão na dependência deste poder.

É verdade, porém, que há igrejas tão decididamente estabelecidas no mundo e na falta de espiritualidade, que recusam o ministério do Espírito, por mais que seja oferecido com abedoria e com ternura. Um ministro cheio do Espírito ficará bem em deixar do lado uma igreja assim, ainda que tenha que chorar sobre ela como Jesus chorou sobre Jerusalém. Certamente, Deus lhe dará oportunidade de ministério em outro lugar. Entretanto, esteja certo de que esteve oferecendo um ministério cheio do Espírito.

E, repitamos, nenhum crente deveria estar contente em único momento sem a infeliz bem-aventurança de estar cheio do Espírito.

Agiram um comentário final, necessário, tendo em conta que grande parte do que se diz e se escreve com respeito à segurança do cristão do

ao de estar cheio do Espírito. Fala-se muito, e segundo creio de maneira até prejudicial, a respeito de estarmos conscientes do Espírito. O prejuízo existe porque se identifica como um sentimento. Quem assim ensina supõe que o cristão que se entregou de maneira definitiva e que tem sido enchido do Espírito deve sabê-lo por meio de um sentimento santo ou poderoso. Isto, dizem eles, é a consciência do Espírito. Mas está completamente errado.

Os homens cheios do Espírito são profundamente conscientes do que Matthew Henry chama “numerosos defeitos e deficiências em suas santas obrigações”. Eles estão conscientes da proximidade, da beleza, do amor abundante, da santidade e da ternura de Cristo e de poder do Seu sangue para limpar perfeitamente todo pecado.

Ao descobrir novos pecados, estes homens chegam uma e outra vez à fonte que purifica suas consciências, pois estão conscientes de Cristo, não do Espírito.

Sem dúvida, há um santo exercício nas emoções. “O fruto do Espírito é... gozo”. Há uma “justiça e paz e gozo no Espírito Santo”. Mas há também ocasiões de “fraqueza, tremor e temor” e estas acompanham frequentemente as “demonstrações do Espírito e do poder” (1 Coríntios 2.3-4).

Abandone, pois, como uma armadilha para a alma, a vigilância de estados mentais e os sentimentos subjetivos e mantenha-se firme na fé. Assim como Cristo nos deu a vida eterna porque Ele disse: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna” (João 6.47), também cremos que Ele diz aos sedentos: “Venha a Mim e beba” (João 7.37), dando-lhes rios de bênçãos e de poder.

Aos que permanecem assim, na fé, a Seu tempo, deixa-lhes ver os rios e conhecer o bem-aventurado refrigério e purificação do bendito manancial.

.oOo.